

Drogas lícitas e ilícitas: uma abordagem grupal com adolescentes

Licit and illicit drugs: a group approach with teenagers

RESUMO

Este texto trata-se de uma intervenção extensionista oriunda dos resultados de um estudo epidemiológico de delineamento transversal, com 605 adolescentes de 13 a 16 anos. As ações de extensão tiveram como método a prática educativa grupal sobre drogas lícitas e ilícitas, com 2.012 adolescentes de 22 escolas públicas municipais e estaduais da região urbana de Divinópolis, Minas Gerais, Brasil, no período de março de 2015 a fevereiro de 2016. Objetivaram realizar práticas educativas em grupo sobre drogas lícitas e ilícitas em ambiente escolar com adolescentes. A extensão e a pesquisa permitiram a compreensão do contexto em que os adolescentes estavam inseridos, por meio da comunicação mantida com eles e entre eles; conhecer o nível de informação dos adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas; proporcionar novos conhecimentos, atitudes e possibilidades na recriação da própria maneira de ser e de se cuidar. Reforçou-se que a educação é uma importante ferramenta de promoção da saúde e de prevenção de riscos e agravos, e tem um papel fundamental na formação do sujeito proativo.

Palavras-chave: Saúde. Educação. Adolescente. Drogas. Extensão. Universidade.

ABSTRACT

This work is an extension intervention arising from the results of an epidemiological cross-sectional study with 605 teenagers from 13 to 16 years old. The extension actions had as a method the group educational practice on licit and illicit drugs, with 2.012 teenagers from 22 municipal and state public schools of the urban region of Divinópolis, State of Minas Gerais, Brazil, from March 2015 to February 2016. It aimed to work with group educational practices on licit and illicit drugs in the school environment with teenagers. The extension and research allowed us to understand the context in which adolescents were inserted through the communication kept with them and among them; to know the level of information the

Deborah Amaral Donnini
Darilene Rocha Cordeiro
Bruna Camargos de Lima

Graduandas em Enfermagem na Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Centro Oeste, Minas Gerais; bolsistas no programa de extensão “Vacinação e o saber do adolescente: comunicação, educação em saúde e ações para a imunoprevenção (deborahdonnini@hotmail.com); (darilenerc@yahoo.com.br); (buhcamargos@hotmail.com).

Selma Maria da Fonseca Viegas

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; professora adjunta III da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais; coordenadora do programa de extensão “Vacinação e o saber do adolescente: comunicação, educação em saúde e ações para a imunoprevenção (selmaviegas@ufsj.edu.br).

teenagers had about licit and illicit drugs; to provide new knowledges, attitudes and opportunities in the recreation of an own way of self-care. It was stressed that education is an important tool for health promotion and prevention of risks and hazards, as well as plays a key role in the formation of the proactive subject.

Keywords: Health. Education. Adolescent. Drugs. Extension. University.

INTRODUÇÃO

Droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que altera o funcionamento normal do corpo. As drogas podem afetar o modo de ser das pessoas, o pensar, o agir, o sentir e o comportamento. São classificadas como psicoativas e divididas em dois grupos: drogas lícitas e ilícitas.

Grande parte das pessoas idealiza que as drogas lícitas, por serem comercializadas legalmente, não trazem danos à saúde (BRASIL, 2014b). No entanto, o consumo de substâncias psicoativas é um grave problema de saúde pública. O início do uso, geralmente, ocorre na adolescência e tem sido cada vez mais frequente nesse grupo etário (CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Por ser um período de desenvolvimento social e emocional significativo, o abuso das drogas na adolescência tem o potencial de perturbar ou até mesmo inibir o desenvolvimento de habilidades saudáveis e eficazes (ROSENBAUM, 2016).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, o período da adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos (BRASIL, 2014a). É uma fase intermediária entre a infância e a juventude em que ocorrem transformações biopsicossociais. Pode ser marcada por conflitos familiares e emocionais, caracterizando-se como um período crítico, em que surgem muitas dúvidas, desde como viver a vida, o modo de ser e de estar com os outros (ZEITOUNE et al., 2012).

Na adolescência, ocorre o crescimento somático, intensifica-se o desenvolvimento de habilidades psicomotoras e os hormônios atuam intensamente, levando a transformações na forma física e mudanças

cognitivas, morais e, até mesmo, espirituais. Diante do exposto, os adolescentes são mais susceptíveis ao consumo de substâncias psicoativas, pois, nessa fase de vida, o sujeito vivencia descobertas significativas e afirma sua personalidade e individualidade.

O aumento do consumo de substâncias psicoativas e a iniciação cada vez mais precoce comprovam que nossos jovens estão expostos a inúmeros fatores de risco para a saúde, tomando dimensões preocupantes, trazendo sérios prejuízos à população, principalmente aos adolescentes, e se tornou um grave problema de saúde pública. Os danos do uso abusivo vão desde a mudança comportamental individual até ao aumento dos casos de violência na sociedade. O abuso pode estar associado a não demonstração de preocupação dos adolescentes com as consequências futuras e por expressarem um sentimento de imortalidade (CARDOSO; MALBERGIER, 2014; LIMA et al., 2014; PERDROSA et al., 2015).

Nesse contexto, os jovens são os mais suscetíveis, por se confrontarem com amigos usuários que ressaltam os “benefícios” das drogas, proporcionando a eles uma visão errônea sobre seu uso. Nessa perspectiva, a família é importante para a formação dos valores próprios do adolescente. É no cenário intrafamiliar que são passados os primeiros valores que vão guiá-lo no convívio social. Assim, famílias que fazem uso de drogas, como álcool e cigarro, podem colocar em risco a segurança e a proteção do adolescente, pois os membros adultos constituem-se em modelos para ele (ZEITOUNE et al., 2012).

Alguns fatores podem influenciar o adolescente a iniciar o uso de drogas, como a baixa renda familiar e a falta de oportunidades sociais. A mídia potencializa que a riqueza e a posição social são sinônimas de felicidade. Considerando que a modernidade apresenta frutos que podem ser impossíveis de serem alcançados, existe uma ilusão de que o mundo das drogas é um caminho para atingir o sucesso sem muito esforço (SILVEIRA et al., 2013).

Um estudo realizado com 936 adolescentes, matriculados em escolas públicas e privadas da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, demonstrou que o uso de substâncias psicoativas têm possíveis associações com fatores socioeconômicos e de gênero. A prevalência de possível dependência foi de 16,4%, significativamente associada ao sexo masculino e à baixa vulnerabilidade social (MARTINS-

OLIVEIRA et al., 2016).

Em outro estudo, adolescentes demonstram uma visão simplista acerca do uso de drogas lícitas e ilícitas, uma vez que o conhecimento apresentou-se incipiente e sem aproximação com a complexidade e as implicações sociais e econômicas dessas drogas (ZEITOUNE et al., 2012). Esse fator aponta para o exame das abordagens atuais sobre o tema e elaboração de estratégias pragmáticas inovadoras para lidar com adolescentes e trabalhar a temática “drogas” por meio da educação/prevenção (ROSENBAUM, 2016). Assim, destaca-se a necessidade de investir em ações educativas sobre drogas e agregar conhecimentos que contribuam para uma atitude contrária ao uso dessas substâncias (ZEITOUNE et al., 2012).

O adolescente necessita de orientações e apoio em seu ambiente familiar, escolar e na área da saúde. Atualmente, é necessário buscar novas estratégias para tentar modificar essa realidade do abuso de drogas. Visando isso, professores e profissionais da saúde desenvolvem projetos de promoção à saúde e de prevenção de riscos e agravos, e esses projetos ganham ênfase quando as ações estão aliadas à abordagem grupal (MOURA et al., 2015).

O ambiente escolar é um local privilegiado para o desenvolvimento de estratégias educativas na prevenção do uso de drogas, uma vez que a educação em saúde promove reflexão e pode levar a uma mudança de comportamento (PEDROSA et al., 2015). A abordagem em grupo é propícia para o trabalho com adolescentes, favorece a interação e permite que o profissional descubra potencialidades para trabalhar a vulnerabilidade e promover o processo de socialização do grupo (MOURA et al., 2015).

A realização de práticas de controle de riscos e agravos no território extramuros da unidade de saúde, como a escola, reforça os conceitos de uma nova forma de “fazer saúde”, baseando-se no conceito da vigilância em saúde.

Assim, a justificativa para se desenvolver ações extensionistas em 22 escolas públicas municipais e estaduais do município mineiro de Divinópolis, com enfoque na promoção da saúde dos adolescentes e na prevenção de riscos e agravos em relação às drogas lícitas e ilícitas, esteve apoiada nas experiências e na realidade dos adolescentes que

suscitaram a demanda desse tema, dentre outros. Essa abordagem entre os jovens tornou-se relevante, uma vez que o consumo de drogas é um problema crescente na saúde pública. A educação e a saúde, portanto, possuem significantes papéis tanto na prevenção primária, quanto na promoção da saúde (SILVEIRA et al., 2013).

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho de extensão é realizar práticas educativas em grupo sobre drogas lícitas e ilícitas em ambiente escolar com adolescentes.

METODOLOGIA

Trata-se de uma intervenção extensionista, oriunda dos resultados de um estudo epidemiológico de delineamento transversal, com 605 adolescentes de 13 a 16 anos. As ações de extensão tiveram como método a prática educativa grupal sobre drogas lícitas e ilícitas, com 2.012 adolescentes de 22 escolas públicas municipais e estaduais da região urbana de Divinópolis, Minas Gerais, Brasil, no período de março de 2015 a fevereiro de 2016. A média de adolescentes por grupo foi de 40.

As práticas educativas grupais contaram com a participação de 13 acadêmicos, sendo três bolsistas e 10 voluntários, e pela docente coordenadora do programa de extensão “Vacinação e o saber do adolescente: comunicação, educação em saúde e ações para a imunoprevenção”. A logística organizacional e o planejamento das atividades nas 22 escolas obedeceram à disponibilidade de cada instituição escolar envolvida, como dos acadêmicos e da docente, de modo que, em cada atividade grupal, estavam presentes, no mínimo, dois participantes do programa. As práticas educativas foram realizadas em espaços disponíveis como anfiteatro, quadra ou sala de aula, em média de duas escolas por semana.

Ao fim de cada prática educativa, os acadêmicos anotavam em diário de campo as informações mais relevantes, as experiências vivenciadas e as compartilhavam com todos os participantes do programa em reuniões realizadas, quinzenalmente, com a coordenadora.

O tema “drogas lícitas e ilícitas” foi um dos sugeridos pelos adolescentes no estudo transversal. Para realização da prática educativa grupal,

primeiramente, foi utilizada uma dinâmica de interação entre os adolescentes e, depois, uma roda de conversa, abordando a diferença entre drogas lícitas e ilícitas.

A metodologia de prática educativa grupal permitiu ao adolescente participar ativamente da aprendizagem, levando-o à construção de novos conceitos, à reflexão sobre o tema abordado e à troca de conhecimento, proporcionando-lhe a liberdade para expressar suas ideias e opiniões. Sendo assim, essa abordagem torna-se um meio importante para mudança de comportamento, contribuindo para tornar o adolescente um receptor ativo do conhecimento (ROCHA et al., 2013).

A dinâmica de grupo se refere a um conjunto de técnicas, tais como: o desempenho de papéis, grupos de discussão, *feedback* de processos coletivos, entre outros. A preposição “de” propõe uma aplicação ampla em qualquer grupo, independente de sua finalidade e especificidade, e o termo “dinâmica” implica forças interdependentes, agindo no interior e no exterior de um campo mutável como são os grupos e as pessoas que a eles se integram (MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014).

Nesse sentido, a dinâmica de grupo foi a abordagem escolhida e desenvolvida para compartilhar experiências entre os adolescentes, por ser importante instrumento educacional utilizado para trabalhar o ensino-aprendizagem em um processo coletivo, por promover o encontro de pessoas, estimular a possibilidade de transformações e o desenvolvimento de novas habilidades (ALBERTI et al., 2014).

Para a realização da dinâmica, foi elaborado um planejamento do que se pretendia trabalhar com os adolescentes, na intenção de aprendizado do tema compartilhado. Também houve a preocupação com a organização e a sistematização dos conceitos, abrindo espaço para que o adolescente pudesse expressar dúvidas e dialogar com os demais integrantes, ouvindo seus pontos de vista, compartilhando ideias e trazendo, para aquele momento, experiências e vivências do cotidiano.

Na roda de conversa, os adolescentes demonstraram conhecimento prévio do assunto, evidenciado por relatos sobre a diferença entre drogas lícitas e ilícitas. Porém, observou-se, nas discussões entre

os adolescentes, que poucos possuíam conhecimento sobre as especificidades das drogas, as consequências delas no organismo e para a sociedade.

Foram disponibilizados recursos como cartazes e cartilhas, o que proporcionou a comunicação visual e o fechamento do tema pelos acadêmicos e adolescentes. As ações em grupo tiveram duração, em média, de 35 minutos. Ao final da prática grupal foi dada abertura para atenção individual e, em algumas escolas, alguns adolescentes foram acolhidos frente às necessidades de cada um.

No momento da socialização grupal, a dinâmica realizada facilitou a comunicação entre acadêmicos e adolescentes, despertando maior interesse do tema proposto, o que favoreceu o processo de interação, compartilhamento e aprendizagem. Os adolescentes se sentiram à vontade em relatar situações vividas por familiares, amigos e conhecidos, além de terem dúvidas sanadas por meio de perguntas e do atendimento individual, quando solicitado.

A prática educativa grupal foi identificada pelos envolvidos na proposta de extensão, como um espaço de livre expressão que pode favorecer os mecanismos necessários à mudança de comportamento e, conseqüentemente, à promoção da saúde do público-alvo.

A dinâmica de grupo cria um processo de interação entre os membros, o que torna mais fácil o processo de mudança e intervenções. As pessoas reunidas em grupos apresentam maior riqueza e complexidade das qualidades da dimensão humana, dentre as quais a comunicação (MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014). Assim, esse estudo com prática educativa grupal foi, ao mesmo tempo, momento de interação, observação e intervenção e, por isso, um bom método para ações de extensão.

Destarte, o programa de extensão norteou suas ações por meio da interação dialógica entre acadêmicos, docente, adolescentes e professores das escolas públicas.

Essa intervenção de educação em saúde, com o método de prática educativa grupal, realizada nas 22 escolas públicas faz parte das ações do programa de extensão “Vacinação e o saber do adolescente: comunicação, educação em saúde e ações para a imunoprevenção”¹,

¹ Esse programa é parte integrante da pesquisa intitulada “Análise de fatores associados à cobertura vacinal contra hepatite B em escolares do 9º ano do ensino fundamental do município de Divinópolis-MG”. A pesquisa foi submetida à Comissão de Ética em Pesquisa da UFSJ, CEPES/CCO e aprovada segundo parecer CEPES/CCO 300.647, CAAE 15896413.4.0000.5545.

desenvolvido em três anos consecutivos por acadêmicos e docentes do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Campus Centro Oeste (CCO), Divinópolis, Minas Gerais, Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adolescência representa uma fase crítica da vida, pois o sujeito vivencia várias descobertas significativas e passa por grandes transformações biopsicossociais, que o torna pertencente a um grupo vulnerável aos agravos sociais. Por isso, os adolescentes podem escolher usar drogas lícitas e/ou ilícitas levados pela curiosidade, pela falta de maturidade e de informação, pelo contexto familiar e social, pelos mitos e a expectativa do efeito, pela pressão da indústria e da mídia, além de outros contextos (ARANTES-FILHO, 2014).

Os contextos supracitados se tornam fatores de proteção ou de risco, que tanto podem favorecer comportamentos saudáveis como serem elementos de comportamentos de risco. É observável que o uso e o abuso das drogas têm ocorrido cada vez mais cedo, sendo necessário que os adolescentes saibam das reais consequências e das grandes chances de dependência (ZEITOUNE et al., 2012; CARDOSO, 2014).

Na prática grupal, tornou-se evidente, nos relatos de alguns adolescentes, a existência de casos de uso de drogas lícitas e/ou ilícitas por familiares e de adolescentes que já experimentaram ou que fazem uso de algum tipo de droga. Isso demonstra a necessidade de trabalhar essas ações, não só com os adolescentes, mas também com as famílias. Algumas medidas podem ser o encaminhamento dos adolescentes em risco para um serviço de atendimento especializado, o que foi realizado na extensão.

A ausência de diálogo entre os adolescentes e seus pais caracteriza um fator preocupante, já que a família exerce influência no desenvolvimento do indivíduo, o que inclui práticas de educação e de socialização. Diante disso, a comunicação no ambiente familiar é fundamental para que o adolescente tenha a melhor adaptação possível às transformações dessa fase (REIS et al., 2013).

Entende-se que os adolescentes necessitam de interação com criticidade, serem ouvidos com a possibilidade de se tornarem os principais atores para escolhas saudáveis de vida, provendo de reflexão própria ou coletiva, da necessidade de reconfigurarem posturas quanto à normalidade que alguns entendem ser o consumo de drogas (NASCIMENTO; AVALLONE, 2013).

Os adolescentes, participantes do estudo transversal, propuseram as intervenções realizadas nas escolas, a partir da extensão, e responderam, na pesquisa, onde buscam ou obtêm informações sobre drogas, sendo que a escola foi apontada como uma das fontes de informação. Em estudo realizado por Costa et al. (2012), há evidência do papel da escola como espaço de discussão e veiculação de informações sobre os efeitos nocivos do uso de drogas, apontada a capacidade dela influenciar os adolescentes ao não uso de substâncias psicoativas.

O ambiente escolar é um local favorável para prevenção de riscos e agravos, de compartilhamento de conhecimentos e produção da saúde coletiva e individual. As ações preventivas para minimizar os comportamentos de risco são baseadas na capacidade de autonomia do educador e dos alunos. Nesse sentido, a educação tem como missão procurar compreender a realidade para formar pessoas que possam conviver com a situação real de forma crítica e fazer escolhas conscientes e autônomas. Diante disso, a transdisciplinaridade e a intersectorialidade são importantes para que haja uma parceria entre as áreas da educação e da saúde no desenvolvimento de estratégias que levem o adolescente a compreender a necessidade da prevenção primária das drogas, promovendo seu bem-estar e melhoria na qualidade de vida (PEDROSA et al., 2015).

A escola representa um fator protetor. Por se tratar de um local de ensino e aprendizado, tem a função de informar sobre drogas e outros assuntos relevantes para o cotidiano do adolescente, mas pode se tornar um fator de risco quando está inserida em um contexto que facilita a proximidade dos adolescentes com usuários que influenciam o uso das drogas. Em virtude disso, a informação é essencial como medida preventiva entre adolescentes e jovens, porém precisa ser compartilhada com segurança, de tal forma que não desperte a curiosidade para o consumo (ZEITOUNE et al., 2012).

Torna-se primordial, portanto, e cabe ao profissional da saúde, identificar as situações de risco às quais o adolescente está inserido e, em parceria com a escola, realizar atividades educativas e de conscientização com os adolescentes e familiares, a fim de esclarecer dúvidas.

Vale ressaltar que deve ser considerado o raciocínio crítico do adolescente para o desenvolvimento de uma cultura de prevenção com relação ao uso e abuso de drogas, quer sejam lícitas ou ilícitas, uma vez que ambas podem trazer prejuízos individuais e sociais (ARANTES-FILHO, 2014). Sendo assim, os programas de prevenção são muito importantes nessa fase da adolescência, pois ajudam os jovens a se tornarem mais resistentes e a fazerem melhores escolhas sobre o uso de drogas (MIDFORD, 2009).

É válida também a criação de ações que implementem políticas públicas de promoção da saúde e prevenção do uso de substâncias psicoativas que promovam as intervenções educativas. Essas intervenções precisam ser articuladas de forma continuada, respeitando o contexto e as particularidades de cada região e de cada grupo (ZEITOUNE et al., 2012). As ações de educação em saúde proporcionam aos adolescentes um melhor nível conceitual sobre os temas de saúde e lhes favorecem competências sociais e afetivas, para que eles se posicionem melhor diante de questões de vulnerabilidade (REIS et al., 2013).

Diante disso, a educação em saúde é uma via de transformação que proporciona uma oportunidade de discussão e abertura para reflexões a respeito dos modos de vida e de escolhas saudáveis. Assim, os profissionais que atuam na prevenção necessitam trabalhar o jovem como um indivíduo ativo, com capacidade reflexiva, discutindo todos os aspectos relacionados ao uso de drogas (COSTA et al., 2012).

A enfermagem é uma profissão que lida diretamente com a população e seus agravos e possui habilidades para intervir em situações problemáticas, o que favorece a realização de ações para ampliar o potencial de prevenção ao uso de drogas nas escolas (PEDROSA et al., 2015). Destarte, é necessário que o enfermeiro trabalhe de forma interdisciplinar, criando estratégias eficazes na abordagem do tema e respeitando a faixa etária e os conhecimentos prévios de cada adolescente (ARANTES-FILHO, 2014).

A dependência química atinge o usuário e o sistema familiar como um todo, todavia, o tratamento dessa condição é centrado no usuário, o que deixa a família em segundo plano. O nível alto de codependência interfere significativamente no bem-estar físico e emocional dos familiares, o que resulta em problemas de saúde, reatividade, autonegligência e sobrecarga de tarefas. A codependência tem um impacto negativo no sistema familiar e na saúde dos familiares de usuários de drogas (BORTOLON et al., 2016). No enfrentamento desse problema, é importante a criação de parcerias entre os diversos setores da sociedade, como saúde, educação, assistência social, segurança pública, esporte e lazer, entre outros (ARANTES-FILHO, 2014).

Considera-se que a pesquisa e a extensão permitiram identificar e compreender o contexto em que os adolescentes estavam inseridos, por meio da comunicação mantida com eles e entre eles; conhecer o nível de informação dos adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas; além de ter proporcionado novos conhecimentos, atitudes e possibilidades de recriação da própria maneira de ser e de se cuidar. Reforçou-se que a educação é uma importante ferramenta de promoção da saúde e de prevenção de riscos e agravos, e tem um papel fundamental na formação do sujeito proativo.

Com essa abordagem, acredita-se que os adolescentes estão mais preparados para enfrentar as situações que envolvam “o mundo das drogas” e, mesmo com a influência de terceiros, têm condições de refletir antes de usar algum tipo de droga, seja lícita ou ilícita (BARROS; COLACO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente intervenção em grupo evidenciou a necessidade de conhecimento dos adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas, e teve relevância ao trabalhar a transdisciplinaridade e a intersetorialidade, sendo possível identificar uma sensibilização dos sujeitos quanto às causas e consequências do uso de drogas.

Mediante discussões em grupo, evidenciou-se que o conhecimento dos adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas é influenciado pelo

vivido e pelas informações advindas dos contextos familiar, escolar, comunitário e da mídia. Diante disso, fica evidente a necessidade das parcerias entre os profissionais da saúde e da educação para a elaboração de intervenções que auxiliem na formação dos adolescentes.

A educação em saúde é uma estratégia que demonstrou bons resultados ao promover o vínculo entre os envolvidos nessa ação de extensão, oportunizando a discussão sobre o tema abordado e o atendimento individual, quando foi necessário, além de ter levado o adolescente a refletir com mais criticidade sobre as drogas.

O programa “Vacinação e o saber do adolescente: comunicação, educação em saúde e ações para a imunoprevenção” proporcionou aos adolescentes, atores envolvidos na extensão, novos conhecimentos, atitudes e possibilidades na recriação da própria maneira de ser e de se cuidar, reforçando a necessidade de práticas no território extramuros da unidade de saúde, como a escola, baseado no conceito da vigilância em saúde.

O ambiente escolar é um local favorável para a promoção da saúde, prevenção de riscos e agravos e de compartilhamento de conhecimentos para a produção da saúde coletiva e individual. Foi um espaço rico para a discussão de drogas lícitas e ilícitas, o que pode contribuir para a aprendizagem e formação do sujeito proativo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, T. F. et al. Dinâmicas de grupo orientadas pelas atividades de estudo: desenvolvimento de habilidades e competências na educação profissional. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 240, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n240/06.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2016.

ARANTES-FILHO, E. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 78-84, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762014000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 mar. 2016.

BARROS, J. P. P; COLACO, V. F. R. Drogas na escola: análise das vozes sociais em jogo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 253-273, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000100253&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 maio 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623644605>.

BORTOLON, C. B. et al. Family functioning and health issues associated with codependency in families of drug users. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 101-107, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000100101&lng=pt>. Acesso em: 10 out. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015211.20662014>.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 11. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014a. 237p. (Série Legislação). Disponível em: <http://www.finiciativa.org.br/resources/estatuto_crianca_11ed.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

_____. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. **Fé na Prevenção**: prevenção do uso de drogas por instituições religiosas e movimentos afins. Brasília: Ministério da Justiça, 2014b. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/FeNaPrevencao_3ed.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

CARDOSO, L. R. D; MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-34, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 maio 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100003>.

CARDOSO, M. R. Dependência e adolescência: a recusa da diferença. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 17, n. spe., p. 63-74, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982014000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 maio 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000300006>

COSTA, A. G. et al. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 803-819, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000200021&lng=en>. Acesso em: 15 fev. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312012000200021>.

LIMA, P. V. C. et al. Saúde do adolescente – conceitos e percepções: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 48, n. 1, p. 146-154, 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/5216/pdf_4450>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MARTINS-OLIVEIRA, J. G. et al. Risk of alcohol dependence: prevalence, related problems and socioeconomic factors. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 17-26, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000100017&lng=pt>. Acesso em: 17 jul. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015211.00652015>.

MELO, A. S. E.; MAIA FILHO, O. N.; CHAVES, H. V. Conceitos básicos em intervenção grupal. **Encontro: Revista de Psicologia**, Valinhos, v. 17, n. 26, 2014. Disponível em: <<https://psibr.com.br/leituras/psicologia-clinica/conceitos-basicos-em-intervencao-grupal>>. Acesso em: 16 out. 2016.

MIDFORD, R. Drug prevention programmes for young people: Where have we been and where should we be going? **Addiction**, Mount Lawley, v. 105, n. 10, p. 1688-1695, 2009. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20039859>>. Acesso em: 17 jul. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1360-0443.2009.02790.x>.

MOURA, J. R. A. et al. Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. **Revinter: Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 117-130, 2015. Disponível em: <<http://revistarevinter.com.br/index.php/toxicologia/article/view/204>>. Acesso em: 16 fev. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.22280/revintervol8ed2.204>.

NASCIMENTO, M. O; AVALLONE, D. D. M. Prevalência do uso de drogas entre adolescentes nos diferentes turnos escolares. **Rev.**

Saúde Pública, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 41-49, 2013. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=424#>. Acesso em: 16 fev. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102001000200008>.

PEDROSA, S. C. et al. Educação em saúde com adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, Divinópolis, v. 5, n. 1, p. 1535-1541, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/402>>. Acesso em: 20 fev. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v0i0.402>.

REIS, D. C. et al. Health vulnerabilities in adolescence: socioeconomic conditions, social networks, drugs and violence. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 586-594, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000200586&lng=en>. Acesso em: 18 jul. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000200016>.

ROCHA, M. C. et al. Atividade grupal à luz de Piaget e Vygotsky: contribuições para uma ação didática voltada a cursos de formação superior. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 17, n. 176, 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd176/atividade-grupal-a-luz-de-piaget-e-vygotsky.htm>>. Acesso em: 18 out. 2016.

ROSENBAUM, M. New perspectives on drug education/prevention. **Journal of psychoactive drugs**, Bethesda (Maryland), v. 48, n. 1, p. 28-30, 2016. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26799842>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

SILVEIRA, H. S. S. et al. Efeitos das drogas lícitas e ilícitas na percepção de adolescentes: uma abordagem de enfermagem. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, n. 21, v. 2, p. 748-753, 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/12072>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem

comunitária. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 57-63, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100008&lng=en>. Acesso em: 24 fev. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100008>.

Submetido em 19 de dezembro de 2016.

Aprovado em 14 de março de 2017.